

O TRABALHO FEMININO E SUAS IMPLICAÇÕES NA QUALIDADE DE VIDA DAS MULHERES PROFESSORAS

WOMAN WORK AND ITS IMPLICATIONS ON LIFE QUALITY OF FEMALE TEACHERS

Rosana Maria C. DOURADO¹

RESUMO: O estudo realiza algumas considerações sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, destacando a trajetória feminina na luta pela igualdade de direitos. A mulher, em toda a sua história é marcada pela discriminação. Na sociedade moderna, empunhando a bandeira de uma nova concepção acerca do valor da mulher e, sob o auspício de uma igualdade feminina conquistada nesta sociedade patriarcal, as mulheres desempenham funções que antes era privilégio dos homens. No que se refere à educação, as mulheres buscam no magistério ora contribuir no orçamento familiar, ora sustentar a própria família. Dessa forma, com os salários e as condições atuais de trabalho, buscam em duas ou mais escolas, alcançar a renda necessária às suas atividades, incluindo ainda a jornada doméstica. Num tempo em que se privilegia a qualidade total, a eficiência, a excelência nos resultados, muitas professoras são acometidas de doenças, de desencanto com a profissão e ainda de síndromes que as levam ao fracasso nas suas tarefas. Fazendo uso da pesquisa bibliográfica, o presente estudo envereda em obras que tratam o assunto, na tentativa de analisar a mulher professora na contemporaneidade.

UNITERMOS: professora mulher; qualidade total; trabalho feminino

ABSTRACT: The study carries out some considerations about the insertion of woman in the labor market, highlighting the feminine trajectory in the struggle for the equality of rights. Woman, throughout history, is marked by discrimination. However, modern society with a new conception about

¹ Mestranda em Ciência da Educação, Universidad Tecnológica Intercontinental – UTIC.

the value of woman and under the auspice of feminine equality conquered in manly society, women play roles once were privilege of man only. Regarding education, women search in educational profession sometimes to contribute for the family budget, and sometimes to support her own family who is under her only responsibility. So, with the wages and the current conditions of work, they work in two or more schools, to achieve the necessary income to their activities, including the domestic daily work. In a time when the total quality, the efficiency, the excellence in the results are privileged, many teachers are attacked by illnesses, disenchantment with the profession and by syndromes that lead them to failure in their tasks and a professional. Making use of bibliographical research, this study goes into literatures that treat the subject in the perspective to analyze the woman teacher nowadays.

UNITERMS: female teacher; total quality; woman work

Apresentação

Este artigo pretende ser um instrumento para a discussão e reflexão do papel da mulher no mercado de trabalho, direcionando o foco para a Educação, a fim de discutir a qualidade de vida e trabalho da mulher professora.

Ao se falar da mulher, necessário se faz reconhecer que sua busca constante viabilizou seu engajamento ao meio, no campo profissional e ao reconhecimento, ainda que em construção em uma sociedade machista, das suas potencialidades e de seu direito à igualdade nos mais diversos campos em que atua. As mulheres, de um modo geral, resistem a um passado de submissão e tentam desatar-se das marcas culturais empregadas na sociedade. Nessa luta, pode-se afirmar que um grande contingente feminino enfrenta a tripla jornada de responsabilidades, como mãe, trabalhadora e educadora. Trata-se assim de uma situação que tem levado muitas professoras ao desencanto, ao estresse e até mesmo, à depressão.

Embora a mulher já tenha avançado progressivamente na luta pela igualdade e independência, ainda falta muito para que ela possa romper com os laços ideológicos que a sociedade alimenta. Este trabalho tem como eixo central questões que versam sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho e sua busca pela sobrevivência com uma sobrecarga de trabalho superior à capacidade humana.

1. Presença da mulher na sociedade

A mulher sempre intervém nas relações sociais, de maneira direta ou indireta. Dessa maneira, desempenha funções históricas nos rumos dos movimentos sociais que desembocam na universalidade de direitos e fazeres, tanto pessoais quanto profissionais, hierarquicamente determinados.

Apesar de constituírem metade da população, como mostram os apontamentos de Alves & Tesoro (2002, p. 22) e participarem cada vez mais da produção social, as mulheres brasileiras são ainda hoje, em sua imensa maioria, vítimas das grandes discriminações que sempre pesaram historicamente sobre a condição feminina.

O fato de certas modificações positivas terem ocorrido, não impediu que a mulher continuasse marginalizada na sociedade, explorada e oprimida duplamente (como trabalhadora e como mulher), ocupando nela um lugar secundário e desempenhando um papel de segunda categoria. Para Alves e Tesouro,

[...] No final das contas, é fundamental que se compreenda que o mito da representação machista que reduz a mulher à condição de criada, objeto, mercadoria, é resultado do imaginário dos homens em relação às suas representações femininas que lhes preencherem as necessidades: uma, os seus desejos; a outra, os interesses sociais que lhes convêm. (ALVES; TESORO, 2002, p. 23)

Se é oprimida em sua condição de mulher, numa sociedade predominantemente patriarcal, tal discriminação acentua-se com maior gravidade no aspecto profissional. Um cenário que tem fixado o ideário de que o mundo do trabalho é eminentemente masculino, sendo o trabalho da mulher apenas complementar ao do homem. Ainda sobrevivem concepções de acordo com as quais, a mulher trabalha apenas para complementar a renda do marido ou, enquanto não está casada. Portanto, a luta da mulher na igualdade profissional ainda está em construção.

O certo é que as mulheres, no contexto em questão, por herança cultural: educação, dependência econômica, acomodação e outras contingências, não só se submeteram, mas estimularam a reprodução do mito que as escraviza. (ALVES; TESORO, 2002, p. 23)

Conseqüentemente, uma das esferas da vida na qual é possível mensurar os efeitos da discriminação é o mercado de trabalho, como afirma Judá “Ser mulher no Brasil é uma tarefa difícil” (JUDÁ, 2006, p. 3).

Nas últimas décadas, o crescimento da força de trabalho feminino em todas as idades, no mercado de trabalho propiciou o seu ingresso em novas esferas do mercado de trabalho. As mulheres têm assumido postos de trabalho em espaços, antes integralmente ocupados por homens, como a área financeira, a magistratura e a medicina, a tecnologia e a informação. Isso graças às transformações sociais ocorridas no século XX, que alavancaram o advento feminino do período de submissão e neutralidade à participação ativa a alternativa de igualdade.

Para Judá:

Pesquisas revelam uma maior participação feminina no mercado de trabalho brasileiro, mas a diferença entre os sexos ainda é visível no País. O número de mulheres chefes de família não chega a 30% em relação aos homens segundo o último censo do IBGE-2004. (2006, p. 3)

É uma caminhada delineada pela exigência imposta ao profissional: transposição dos limites e obstáculos para aquisição do saber. Essa exigência o identificará no percurso pessoal e profissional, no qual não se exclui a área educacional, e, junto a ela, a profissional mulher construindo seu projeto de vida, imprimindo seus desejos, ensaiando e traçando sua profissão.

Movidas pela necessidade de contribuir para a manutenção da família, ou mesmo pelo desejo de obter realização profissional, as mulheres estão, ao longo desta década, cada vez mais presentes no mercado de trabalho.

Del Priore, ao investigar a História das Mulheres se pergunta:

Quais seriam aquelas a inspirarem ideais e sonhos? As castas, as fiéis, as obedientes, as boas esposas e mães. Mas quem foram aquelas odiadas e perseguidas? As feiticeiras, as lésbicas, as rebeldes, as anarquistas, as loucas. (2002, p. 8)

Pensar o feminismo, a condição da mulher na sociedade, a opressão da mulher na sua relação com o homem é, sem sombra de dúvida, preparar o país para o exercício pleno da democracia. Entretanto, no seio dessa democracia destacam-se as relações estabelecidas pelos homens e mulheres. O trabalho surge como um fundamento da igualdade, para que todos possam desenvolver suas aptidões, sem interferência de gênero.

Nas palavras de Pena: “na medida em que a mulher sai de casa e envolve-se com o mundo público do trabalho, suas relações com o marido tenderiam, pois, a democratizarem-se” (1981, p. 43).

O caminho a seguir para uma maior igualdade entre as mulheres e os homens no mercado de trabalho deverá necessariamente passar por várias etapas. A principal é a mudança das mentalidades, para a construção de uma sociedade mais equilibrada, pois o mundo está em verdadeira mudança e não é mais aceitável desconsiderar fatos que alteram sensivelmente o caminho da sociedade.

2. Trabalho feminino e qualidade de vida das mulheres professoras

Para Langer, o trabalho está no centro de profundas e radicais transformações provocadas pelo capitalismo no final do século passado e início deste novo milênio. O impacto da revolução tecnológica em curso é tão grande que ainda estamos no meio do redemoinho por ela causado. Ressalta Langer que o capitalismo parece mesmo ter feito desta situação de insegurança generalizada um princípio de organização social e do trabalho (2006, p.45-47).

Muitas vezes, ouvem-se algumas frases que mostram a essência do trabalho. Percebe-se que o homem está a serviço do trabalho

e dele tem todo o seu referencial de vida, de ideologia, de poder. Para Saviani, o homem, diferentemente dos outros animais, adapta a natureza a si próprio. Trabalho é o ato de agir sobre a natureza, adaptando-a as necessidades humanas. Dessa forma, o trabalho define a essência humana (1994, p. 36).

O que distingue o trabalho do homem é o fato de que, no final do processo de trabalho humano, aparece um resultado que já existia antes na imaginação do trabalhador. Assim, o trabalhador transforma além do material que opera; ele imprime ao material o projeto que tinha em mente, o qual constitui a lei que determina o seu modo de operar e ao qual subordina sua vontade.

Para Marx, o trabalho é a relação do homem com a natureza. “É um processo de que participam o homem e natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza” (1980, p. 202). Ou seja, para ele, o trabalho é a atividade dirigida com o fim de criar valores de uso, cuja finalidade é o atendimento às necessidades humanas úteis e necessárias; é condição natural e eterna da vida humana, sendo comum a todas as formas de vida social humana.

As intensas transformações da sociedade moderna evidenciam a relevância que a esfera de vida pessoal, ocupada pelo trabalho, adquire para a maioria das pessoas. É evidente o trabalho como uma necessidade existencial, cujos rendimentos servem para suprir as necessidades humanas como alimentação, moradia, educação, lazer, bem-estar social, status, prestígio. Torna-se, portanto, um elemento que contribui para a identidade pessoal. O trabalho é, pois, fator determinante para níveis pessoal e social.

Na era das novas tecnologias de comunicação e informação, o conteúdo qualitativo do trabalho passa a ser privilegiado, transformando-se, assim, sua concepção. O trabalho passa a ser uma série de aplicações de conhecimentos, na qual os indivíduos voltam suas capacidades para a programação e o controle. Isso exige o ato de se pensar a formação de indivíduos que possuam as habilidades que estão sendo demandadas.

Portanto, as concepções abordadas não enfatizam o sexo do trabalhador, mas tratam de um sujeito sobre um determinado objeto. Não se justifica, assim, qualquer forma de discriminação.

Entretanto, apesar da entrada das mulheres no mercado de trabalho nos considerados “setores produtivos”, o valor de sua atuação continua atrelado ao universo hierarquicamente subalterno da reprodução no mundo doméstico.

Seu trabalho e sua identidade como trabalhadoras continuam a ser de pessoas que, de certa forma, “não deveriam estar ali”, pois seu lugar permanece associada à casa, à maternidade e ao cuidar dos outros.

Dados da Fundação Carlos Chagas apontam que

A partir da década de 70 até os dias de hoje, a participação das mulheres no mercado de trabalho tem apresentado uma espantosa progressão. Se em 1970 apenas 18% das mulheres brasileiras trabalhavam, chega-se a 2002 com metade delas em atividade. No entanto, o trabalho das mulheres não depende tão somente da demanda do mercado e das suas qualificações para atendê-la, mas decorre também de uma articulação complexa de características pessoais e familiares. A presença de filhos, associada ao ciclo de vida das trabalhadoras, à sua posição no grupo familiar – como cônjuge, chefe de família etc. –, à necessidade de prover ou complementar o sustento do lar, são fatores que estão sempre presentes nas decisões das mulheres de ingressar ou permanecer no mercado de trabalho. (2005, p. 18)

O levantamento de dados sobre a presença das mulheres nas atividades econômicas tem permitido extrair informações úteis sobre o trabalho feminino. Desse modo, em busca de novos contornos e detalhes sobre a situação do trabalho feminino, torna-se importante analisar a participação da mulher no mundo do trabalho.

3. A participação da mulher no mundo do trabalho

Sintetizando o pensamento de Alves & Tesoro (2002), as mulheres, barradas dos empregos mais bem remunerados, atuavam em

setores não especializados ou em fábricas onde a jornada era longa, as condições péssimas e os salários baixos. Não tinham acesso a educação superior e treinamento profissional, eram legalmente proibidas de votar.

A resposta foi o surgimento de movimentos feministas que com publicações, sociedades sufragistas e sindicatos, lutavam por mudanças. No início do século XX, lutavam também por reformas sociais, como controle de natalidade e clínicas infantis. No entanto, se as mulheres desejarem sair vencedoras nessa empreitada, terão de dominar as regras que os homens criaram (p. 23).

Júlio lembra que:

Recordo-me de uma palestra de Tom Peters, proferida em 2000. Perguntaram-lhe: ‘Se o senhor tivesse uma grande empresa e fosse se aposentar, o que faria?’ Sem tibubar, ele respondeu que contrataria para o mais alto cargo executivo uma mulher dinâmica e inteligente, recrutada em uma boa escola. Em seguida, selecionaria 100 jovens talentosos, já familiarizados com os instrumentos e ambientes da era digital, e os colocaria sob as ordens dessa líder. Segundo ele, essa seria a fórmula ideal para garantir a longevidade da empresa, com elevados padrões de qualidade e competitividade. Exageros à parte, concordo que a proposta de Peters aponta para modelos corretos de reivindicação das organizações. As mulheres, sem dúvida, têm se adaptado mais rapidamente a essa realidade competitiva dos novos tempos. (JÚLIO, 2002, p. 135)

Para Probst,

As convenções do início do século ditavam que o marido era o provedor do lar. A mulher não precisava e não deveria ganhar dinheiro. As que ficavam viúvas, ou eram de uma elite empobrecida, e precisava se virar para se sustentar e aos filhos, faziam doces por encomendas, arranjo de flores, bordados e crivos, davam aulas de piano etc. Mas além de pouco valorizadas, essas atividades eram mal vistas pela sociedade. Mesmo assim algumas conseguiram transpor as barreiras do papel de ser apenas esposa, mãe e dona do lar, ficou para trás a partir da década de 70 quan-

do as mulheres foram conquistando um espaço maior no mercado de trabalho. (2005, p. 1)

Em seu artigo 7º., inc. XX, a Constituição de 1988, dispõe sobre os Direitos dos Trabalhadores, dando ênfase à proteção do mercado de trabalho da mulher, mediante dispositivos específicos, nos termos da lei. O inciso XXX proíbe a diferença de salários, (também art. 5º da CLT) assim como no exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil. A lei 5.473/68 prevê sanções para a discriminação contra a mulher no provimento de empregos.

Para Alves & Tesoro, o mundo anda apostando em valores femininos, como a capacidade de trabalho em equipe contra o antigo individualismo, a persuasão em oposição ao autoritarismo, a cooperação no lugar da competição. As mulheres ocupam postos nos tribunais superiores, nos ministérios, no topo de grandes empresas, em organizações de pesquisa de tecnologia de ponta. Pilotam jatos, comandam tropas, perfuram poços de petróleo (2002, p. 25).

Hoffmann explica que a partir da década de 1970, intensificou-se a participação das mulheres na atividade econômica em um contexto de expansão da economia com acelerado processo de industrialização e urbanização. Prosseguiu na década de 1980, apesar da estagnação da atividade econômica e da deterioração das oportunidades de ocupação. Prossegue a autora esclarecendo que, nos anos 1990, década caracterizada pela intensa abertura econômica, pelos baixos investimentos e pela terceirização da economia, continuou a tendência de crescente incorporação da mulher na força de trabalho.

Várias mudanças no perfil das trabalhadoras acompanharam essa participação. Uma delas diz respeito ao perfil etário, ao estado civil e à escolaridade (HOFFMANN, 2004, p. 33).

Na década de 1970, as trabalhadoras eram na sua maioria jovens, solteiras e pouco escolarizadas. Na década de 1980, as mulheres com idade acima de 25 anos, chefes e casadas, com níveis mais

elevados de instrução e com nível de renda não muito baixo, foram as que mais aumentaram sua participação no trabalho remunerado.

Hoffmann mostra, ainda, que nos anos 1990 houve intensificação da participação feminina no mercado de trabalho formal, a força de trabalho assumiu traços diferenciados.

A ampliação da participação da mulher na atividade econômica continuou a ocorrer nas últimas décadas (HOFFMANN, 2004, p. 36).

O mercado de trabalho já foi muito mais implacável com as mulheres. Mesmo assim, ainda existe discriminação contra aquelas aqueles que conseguem colocação em grandes empresas estatais ou na iniciativa privada no comércio e nas atividades acadêmicas.

Todas as transformações na economia mundial resultaram, nos últimos anos, na redução dos empregos e no aumento da concorrência no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, houve a necessidade de se criarem novos empreendimentos no âmbito profissional. As mulheres puderam, também, lançar mão de sua criatividade e aventurar-se nessa área.

Ainda que as mulheres tenham cada vez mais acesso ao mercado de trabalho, os contextos se afiguram muito variados, pois se há várias áreas de atividade, as de maior estatuto (as profissões técnico-científicas), nas quais a igualdade de oportunidades é adquirida e realmente vivida, já nas inferiores (majoritárias) tal não sucede, persistindo uma elevada proporção que convive com remunerações discriminatórias, duras condições de trabalho.

Apesar disso, enfraqueceu-se o ideal da mulher no lar. Conquistou-se o direito à dissolução do vínculo de casamento, legitimou-se o acesso ao estudo e ao trabalho, direito ao voto, liberdade sexual. A emancipação das mulheres brasileiras é ilustrada estatisticamente por Steil (1997, p. 12) quando destaca que

De 1980 a 1990 6,3% das mulheres que ingressaram no mercado de trabalho brasileiro, enquanto esta taxa para os homens foi de ordem de 0,7 [...], em 1995, estavam no mercado de trabalho 29.820.683 mulheres, ou 40,01% da força de trabalho brasileira. A presença feminina continua concentrada nos setores tradicionalmente ocupados

por mulheres: o maior contingente, 29,8% ou cerca de oito milhões, está na prestação de serviços. Outros seis milhões de mulheres trabalham na agricultura 4,5 milhões nas atividades sociais e 3,5 milhões no comércio, segundo IBGE. As atividades industriais ocupavam dois milhões de mulheres.

É possível à mulher dirigir seus próprios caminhos, em todas as esferas da existência, no mundo contemporâneo. Ao se defrontarem com o preconceito machista que as considerava inferiores ao homem para o trabalho, as mulheres se viram num dilema: enfrentar este preconceito e aportar à instituição de trabalho a contribuição de valores próprios à sua feminilidade ou, inversamente, sufocar sua natureza e adotar valores próprios do homem para garantir a sua afirmação num ambiente que supervaloriza a competição, a lógica, a repressão das emoções e da intuição.

Para a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) o trabalho da mulher ainda se encontra predominantes no setor informal de produção, sendo observadas diversas desigualdades em relação ao trabalho da população masculina, tais como salários menores para o exercício de atividades similares, sobrecarga de trabalho e maior dificuldade de ascensão profissional (OPAS, 1990, p. 54).

Os dados revista *RDM* apontam que

A discriminação de gênero e de raça é um dos aspectos estudados pelo Instituto Observatório Social nas multinacionais. As pesquisas apontam, em geral, mulheres com salários mais baixos, pouco ou nada presentes nos cargos de chefia e mais sujeitas a demissões. Um quadro que já contém exceções e onde, a depender da disposição e organização, homens e mulheres terão, sim, tratamento igual com respeito às diferenças. (2006, p. 5)

Pesquisas apresentadas pela revista *Exame* comprovam que

[...] 20 milhões de mulheres, entraram na população economicamente, ativa do Brasil, nas décadas. Parte desse aumento foi causada por mudanças no conceito de traba-

lho, que passou a incluir atividades como de alto consumo e produção familiar. Mesmo assim, o avanço é considerável [...] conquistar espaço não é sinônimo de ter igualdade. As mulheres ainda fazem dupla jornada, ganham menos que os homens quando exercem a mesma função e, [...] são preteridas na hora da promoção aos cargos de maior poder e prestígio. (2001, p. 41)

4. A profissional mulher

Nos moldes de crescimento econômico, social, educacional e tecnológico, a inserção da mulher no mercado de trabalho concentra-se na ampliação das condições de escolha, na autorrealização, na síntese das opções pessoais, nas transformações das relações sociais, na melhora significativa de sua qualidade de vida.

De acordo com Bruschini e Lombardi:

Ao analisar o comportamento da força de trabalho feminina no Brasil no último quarto de século, o que chama a atenção é o vigor e a persistência do seu crescimento. Com um acréscimo de 25 milhões de trabalhadoras entre 1976 e 2002, as mulheres desempenharam um papel muito mais relevante do que os homens no crescimento da população economicamente ativa. (2004, p.20)

O papel da mulher na sociedade vem mudando. Com o passar dos anos. as mulheres já começam a despertar para comportamentos culturalmente herdados que atrapalham sua ascensão profissional e desenvolver seu potencial para o sucesso. O avanço feminino é destacado por Ribeiro (2006, p. 16):

Nos anos 60, elas queimaram o sutiã em praça pública na França, e subiram a saia em cinco dedos criando a escandalosíssima mini-saia, numa comportada distância acima do joelho e dominaram a cena no mundo inteiro. Hoje seus domínios vão muito além de levar as crianças até o carro “dêle”, como se escrevia nos anos 60. Hoje elas são determinantes em todas as compras da família, são donas

do próprio carro e, pasmem: em Cuiabá, respondem por 53% da direção dos lares como chefes de família.

Hoje a mulher está adotando, cada vez mais, uma postura atuante, não apenas pelos seus próprios esforços, mas pelas exigências do mundo moderno, que obrigaram os homens a abrirem mão de sua atitude dominadora e caminharem no sentido de uma parceria necessária e enriquecedora.

O mercado de trabalho está restrito e é comum mulheres assumirem as despesas da casa quando seus maridos perdem seus empregos. Em muitos casos é a mulher quem trabalha fora e o marido fica em casa para cuidar dos filhos.

As mulheres começaram a ocupar espaço no mundo da produção, mas a sociedade não se reorganizou de modo a permitir que elas desempenhem seus novos papéis sem uma pesada sobrecarga.

Mostram os dados da Fundação Carlos Chagas que

É possível afirmar, portanto, que, no âmbito da oferta de trabalhadoras, tem havido significativas mudanças. Restam, no entanto, algumas continuidades que dificultam a dedicação das mulheres ao trabalho ou fazem dela uma trabalhadora de segunda categoria. Em primeiro lugar, as mulheres seguem sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas. Exemplificando concretamente essa sobrecarga, confronte-se a grande diferença existente entre a dedicação masculina e a feminina aos afazeres domésticos: os homens gastam nessas atividades, em média, 10,6 horas por semana e as mulheres, 27,2 horas. Outra medida é o número de horas mais freqüente dedicado a essas tarefas: 7 horas semanais para os homens e 20 horas para as mulheres. (2005, p.20)

É exatamente a sociedade que aplaude os avanços femininos que se mostra antagônica às condições da mulher, em especial. A sociedade que celebra todos os anos o Dia Internacional da Mulher,

o Dia das Mães, é a mesma sociedade que considera a maternidade um ponto negativo no *curriculum*.

É por essas questões que mais mulheres estão sentindo a necessidade de formação profissional, de uma carreira, de um trabalho que lhes garanta autonomia e independência. Além disso, a sociedade necessita rever seus valores frente à nova realidade.

5. A mulher professora

É bastante claro que a qualidade pessoal torna-se a base para as demais qualidades nas prestações de serviços. Ela inicia uma reação em cadeia, um processo de melhoramento e desenvolvimento que eleva a vontade de um agir mais ativo, mais criativo, mais inovador. Para Moller (1993, p. 18) “a qualidade pessoal pode ser definida como a satisfação das exigências e expectativas técnicas e humanas da própria pessoa e das outras”.

Vive-se o tempo da qualidade total, exigindo dos profissionais o máximo de dedicação ao trabalho que realizam. Nesse contexto, o trabalho docente é também influenciado pelas leis de mercado que determinam conceitos e resultados nas mais variadas escalas de trabalho.

Carvalho aponta que:

O professor é um sujeito histórico e social que vive num contexto sociocultural, relacionado com as diferentes culturas. Porém, a sua ação deve ser sempre motivada por uma mediação valorativa com a finalidade de superar a frágil concepção de cidadão e identidade que vem sendo construída ao longo do processo histórico brasileiro. A finalidade da construção coletiva é a tomada de consciência de que a verdadeira cidadania passa pelo engajamento na luta para construção da identidade de sujeito social protagonista de uma nova sociedade autônoma, livre e solidária que garante e assegure as condições essenciais de vida digna para todos. (2002, p. 81)

A presença da qualidade em todas as áreas e setores conduz a uma cultura de qualidade, que influencia a escola como um todo. O

futuro de uma escola pode ser determinado pela qualidade pessoal, ou seja, se todas as pessoas estiverem altamente comprometidas a fazerem o melhor possível todos os dias, o futuro da escola será brilhante. Para que isso aconteça, todos os colaboradores devem estar motivados e inspirados a fazer o melhor.

A mulher professora convive diariamente o cumprimento dessas exigências. Entretanto, as próprias condições de vida e trabalho obrigam a uma dupla jornada, ou intensificando o conceito, a mulher assume funções em duas ou mais escolas, assume as obrigações do lar e a cada dia tem menos lazer, descanso e saúde de vida. Não existe tempo e espaço para essas preocupações, pois é preciso cumprir a jornada de trabalho e seu papel no lar, na educação dos filhos, no direcionamento da vida doméstica.

Como resultado, há um quadro cada vez mais desolador de professoras cansadas, desmotivadas. O tempo destinado à organização do trabalho docente absorve bem mais que o tempo estabelecido pela legislação. A professora acaba estendendo esse tempo-serviço para casa, nas horas possíveis. As férias são a oportunidade de fazer algum trabalho extra para complementar o orçamento familiar. Essa é a realidade de tantas mulheres integradas na missão educativa.

Numa visão moderna, as professoras têm recebido intensas cobranças quanto ao aumento de seus encargos. Mas quando se pensa na qualidade de vida desse profissional, parece um pensamento totalmente contraditório à realidade. As horas de trabalho, mesmo fora da sala, impõem um ritmo sobre-humano, até porque o professor precisa quase obrigatoriamente buscar cursos de aperfeiçoamento, e formação continuada, além de realizar as correções de exercícios e preparação de aulas.

Os desabafos do cotidiano retratam professores cansados, sonhando com o período de férias, opacos aos desafios que a prática diária vem, de uma forma autoritária, impondo como necessidades essenciais ao ensino.

Defronta-se com desmotivação, com desesperança e tantos desafios. A realidade de sala de aula contribui para o quadro educacional brasileiro, a beira do caos, diante dos insucessos escolares.

O descanso é praticamente uma palavra estranha ao vocabulário dessas profissionais, porque o conceito de descanso, fortemente vinculado ao calendário letivo, ou seja, o descanso deve ser agendado para as férias de final de ano. Enquanto isso, trabalho árduo e muitas atividades para chegar à qualidade total.

Observa Codo (1999, p. 237):

Já se viu que o professor faz muito mais do que as condições de trabalho permitem; já se viu que comparece no tecido social compondo o futuro de milhares de jovens que antes dele sequer poderiam sonhar. Mas existe um outro professor habitando nossas lembranças: Um homem, uma mulher cansados, abatidos, sem mais vontade de ensinar, um professor que desistiu.

É exatamente nesses desabafos, nos rápidos encontros das aulas é que se pode verificar um sentimento que caminha na contra-mão da prosperidade educacional: a insatisfação.

Codo (1999) afirma , ainda, que:

A despersonalização, que é o desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas com certo endurecimento afetivo e coisificação ou materialização da relação, surge neste caso como resposta ao sofrimento instalado. A ilusão do professor é que através do endurecimento afetivo-emocional sofreria menos. Essa ‘alienação’ afetiva não resolve e traz um sentimento amargo de distanciamento emocional. Amargo porque toda atividade do professor se faz através da mediação afetiva. Negando essa mediação, esfriando a relação de trabalho, a baixa-estima profissional se apresenta e reforça a exaustão emocional já existente. (p. 259)

Robotizadas pelo sistema, a capacidade reflexiva das professoras vai aos poucos recebendo a ferrugem que o sistema deseja, e de desbravadores, tornando-as meras reprodutoras de um modelo que ainda não definiu quem é o professor: Ator? Construtor? Educador? Facilitador? Reprodutor?

A própria atuação do grande número de mulheres na educação muitas vezes é entendida como profissão fácil, sem muita necessidade do exercício mental e longe do convívio masculino. De acordo com a Confederação Nacional de Trabalhadores da Educação:

Ensinar é considerado uma extensão do cuidado com crianças, uma função feminina dentro da família. Educadores argumentavam que, como a escolha de carreira devia ser adequada à natureza feminina, atividades requerendo sentimento, dedicação, minúcia e paciência deveriam ser preferidas. O segundo argumento que justifica a escolha do magistério pelas mulheres, é que a ocupação permitiria conciliar a vida profissional com as tarefas domésticas e familiares, pois além das férias escolares, não exigiria externas jornadas de trabalho. Outra razão para a escolha do magistério ou mesmo para a permanência nele apesar das condições insatisfatórias, seriam as vantagens do serviço público: além da estabilidade e [...] benefícios, os professores (as) não sofreriam controle de qualidade de sua produção. (1994, p. 16)

A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação expressa que:

[...] existe um número expressivo de professoras que têm sobrecarga de trabalho, com jornada de pelo menos 48 horas semanais, fora as horas extras dedicadas ao preparo de aulas, correção de provas entre outras tarefas, além do trabalho doméstico concentrado nos fins de semana e tomar consciência de sua condição subalterna de gênero pode contribuir para que a professora se dê conta do seu papel como agente reprodutor, mas também transformador, no cotidiano da escola. Da mesma forma que a mãe, na vida cotidiana da família, a professora, no cotidiano da escola, pode vir a ser um agente eficaz no processo de transformação social. (1994, p. 27)

Muitas pesquisas têm demonstrado a ocorrência de estresse, cansaço, ao mesmo tempo o corpo do trabalhador expressa resistência frente a essa nova forma de organização do trabalho globalizado e composto de diversos turnos.

Aos acometidos por essa síndrome, o prazer do trabalhador parece se encontrar no tempo em que está fora do trabalho. Tais alterações no âmbito da saúde não podem ser entendidas como fraquezas ou incapacidades individuais. Codo esclarece que

Não tendo alternativa, se sentindo esgotado, desenvolve um sentimento de baixa auto-estima profissional e de impotência porque, por mais que faça, não conseguirá fazer tudo que tem vontade ou que acha que deveria fazer. São forças iguais que puxam em direções opostas. Se a angústia e, como passo seguinte, procura se afastar do que lhe causa dor. Mas como? Não quer largar a escola. Não quer largar a família. E pelos dois que está brigando. Então, se protege se afastando, hipoteticamente (ou impotentemente?), do afeto que o trabalho lhe exige e que a família lhe cobra. Finge que não sente. Se desmotiva. E sofre. Assim, lança mão de um outro recurso, a despersonalização. (1999, p. 259)

Os indivíduos estão inseridos num contexto político-histórico-social que permeia suas relações sociais, de trabalho, de família. Isso delinea uma forma de viver específica. Na educação pode-se notar que a síndrome do burnout tem atingido muitas professoras, levando-as ao desencantamento e depressão.

Explica Codo (1999), que:

A síndrome burnout é definida por Maslach e Jackson (1981) como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, particularmente quando estes estão preocupados ou com problemas. Cuidar exige tensão emocional constante, atenção perene, grandes responsabilidades espreitam o profissional a cada gesto no trabalho. O trabalhador se envolve afetivamente com os seus clientes, se desgasta e, num extremo, desiste, não agüenta mais, entra em burnout. (p. 45)

São profissionais que passam a não se importar mais com as relações interpessoais, desenvolvem sentimentos e atitudes negativas

com relação aos seus colegas e alunos, sente-se exauridos, incapazes de poder dar mais de si mesmos.

Como poderiam nesse estado ser capazes de oferecer ou mesmo receber suporte social no trabalho? Esse é justamente o ponto, tornam-se profissionais fechados, isolados e alheios às tentativas de ajuda e de solução dos problemas do cotidiano. Para eles, não faz mais sentido gastar energia com essas questões, estão apáticos a elas e, provavelmente, colegas que queiram aproximar serão mal recebidos. Contudo, tal forma de agir é inconsciente, pois não percebem que se afasta a possibilidade de ajuda.

O vínculo entre as pessoas, quando bem estabelecido pode proteger o professor da síndrome do burnout principalmente em duas das suas formas de expressão: exaustão emocional e falta de envolvimento pessoal no trabalho. São vínculos entre os próprios companheiros de trabalho que permitem que o educador se proteja. Assim, mesmo na cultura da qualidade total, é importante a valorização do descanso, do prazer, de momentos em que o assunto em pauta não seja a educação, sala de aula, salários, alunos.

É importante que as professoras possam romper com práticas individualizantes, rotinizadoras, dispersas, com uma tendência à homogeneidade, fragmentação e hierarquização no trabalho docente, ao mesmo tempo em que gera a exclusão e o isolamento dessas profissionais, o que acentua o desencanto e a desmotivação.

Heckert et al (2001, p. 37) observam que as reformas educacionais apontadas como soluções para os problemas existentes no cotidiano escolar dificultam o desenvolvimento escolar e comprometem a autonomia das escolas. Transformam a escola em uma máquina de ensinar, sem se preocupar com as diferenças existentes em cada instituição.

Considerações finais

Como nenhuma história se faz desacompanhada de contradições, a trajetória feminina e sua inserção no mercado de trabalho não poderiam estar à margem de tal afirmação. A visão predominante

acerca da mulher na sociedade vem se modificando, rompendo, ainda que vagarosamente, a discriminação contra a mulher ao longo da história pregressa e presente.

A atual condição social da mulher não é universal e nem eterna, pois diferentes sociedades, ao longo da história, delegaram papéis sociais distintos e avaliações sobre eles a homens e mulheres e, ainda, na atualidade, isso acontece com uma divisão social de papéis entre homens e mulheres, presentes na nossa sociedade graças ao processo histórico que antecede esse contexto.

A mulher alcançou seu espaço no mercado de trabalho. Entretanto, muitas assumem, também, a jornada de trabalho doméstico, que não tem duração determinada.

Para a mulher professora, a prática docente insere-se nos moldes da contemporaneidade, exigindo qualidade, produtividade, eficiência, excelência na prestação de serviços e resultados.

Não se pode desprezar o contexto educacional brasileiro, no qual as professoras estão inseridas, uma vez que com a situação atual, necessitam se desdobrar em duas ou mais escolas para obter uma remuneração digna que lhes possibilite sobreviver.

Eis então a grande contradição. De um lado o campo feminino vivenciando suas conquistas e de outro, na educação, professoras cansadas, acometidas de várias doenças por conta da intensa rotina de trabalho. Melhorar a educação é um desafio que não se limita às reivindicações da categoria, mas aos governantes que desejem construir um país democrático e de inclusão. Uma espera que para as professoras é sinônimo de esperança e não de acomodação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Laci Maria Araújo; TESORO, Luci Lea Lopes Martins. *Experiências de mulheres*. Rondonópolis – MT: LMAA Editora, 2002.

BRUSCHINI, C; LOMBARDI M. R. O trabalho da mulher brasileira nos primeiros anos da década de noventa. *Anais do X Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Caxambu: ABEP, 2004.

CARVALHO, Ademar de Lima. *Os caminhos perversos da Educação: a luta pela apropriação do conhecimento no cotidiano da sala de aula*. Tese (Doutorado em Educação) Marília-SP: Unesp, 2002.

CODO, Wanderley. (Coord.) *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes/Brasília, 1999.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO (CNTE). Disponível em < www.uncme.com.br/campanha.htm>. Acesso em: 21 maio 2007.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br/ccivil>> Acesso em: 28 set. 2007.

DEL PRIORI, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Mulheres, trabalho e família. Disponível em http://www.fcc.org.br/mulher/series_historicas/mtf.html. Acesso em 28 set. 2007.

GÊNERO, MERCADO DE TRABALHO E QUALIFICAÇÃO. In: *Exame*, ano 35, n. 02, jan.2001.

HECKERT, A. L. et al. A dimensão coletiva da saúde: uma análise das articulações entre gestão administrativa-saúde dos docentes, a experiência de Vitória. In: ATHAYDE, M.; BARROS, M.E.B.; BRITO, J.; YALE, M. (Orgs.). *Trabalhar na escola? Só inventando prazer*. Rio de Janeiro: IPUB/CUCA, 2001.

JUDÁ, Cláudia. Mulheres buscam espaço na computação. *Revista da Sociedade Brasileira de Computação* – SBC. março, abril e maio 2006.

JÚLIO, Carlos Alberto. *Reinventando você: a dinâmica dos profissionais e a nova organização*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

HOFFMANN, R. A. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002. Disponível em: < <http://www.face.ufmg.br/novaeconomia/sumarios>>. Acesso em: 17maio 2007.

LANGER, André. A redução do tempo de trabalho e a cultura do tempo livre. *Jornal do Brasil*, em 7 fev. 2006. Disponível em < <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes>>. Acesso em 24 maio 2007.

MARX, K. *O capital*. (Crítica da Economia Política). 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. v.1.

MOLLER, Claus. *O lado humano da qualidade: maximizando a qualidade de produtos e serviços através do desenvolvimento das pessoas*. São Paulo: Pioneira, 1993.

MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO. Fundação Carlos Chagas. Disponível em < http://www.fcc.org.br/mulher/series_historicas/mtf>. Acesso em 28 maio 2007.

ONOFRE. Os candidatos não falam com elas. In: *Revista RDM*. Cuiabá, ano VII, n. 151, 27 de ago. 2006.

OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde) 2000. Envelhecimento: mitos na berlinda. Disponível em <http://www.opas.org.br/noticias> . Acesso em: 23 maio 2007.

PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PROBST, Elisiana Renata. A evolução da mulher no mercado de trabalho. Disponível em: < <http://www.icpg.com.br/artigos/>>. Acesso em: 23 maio 2007.

RIBEIRO, Matilde. Racismo na Internet – *Jornal do Brasil*, em 7 fev. 2006.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETI, C.J. et al. (orgs.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1994.

STEIL, A. V. Organizações, gênero e posição hierárquica: compreendendo o fenômeno do teto de vidro. *RAUSP*, v.32, n.3, 1997.